

Antropologia visual e o campo dos conceitos

Cornelia Eckert

Como citar: ECKERT, C. Antropologia visual e o campo dos conceitos. *In:* RUBIM, C. R. (org.). **Iluminando a face escura da lua:** homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 137-146. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-242-0.p137-146>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

ANTROPOLOGIA VISUAL E O CAMPO DOS CONCEITOS

Cornelia Eckert

Agradeço inicialmente a colega Christina Rubim pelo convite para participar deste evento, aos alunos e demais professores da Unesp envolvidos nesta Jornada, pela carinhosa recepção. Para mim é um privilégio poder estar aqui presente e acompanhar estas aulas-conferências “do” e “sobre” o Prof. Roberto Cardoso de Oliveira.

A nossa participação nesta Mesa Redonda foi precedida de um curso de Antropologia Visual e Imagem que Ana Luiza Carvalho da Rocha e eu desenvolvemos para os alunos desta Universidade a partir de nossa pertença institucional ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais e Núcleo de Antropologia Visual (PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS). Desta forma nossa participação nessa Mesa Redonda é também o encerramento desta Oficina. Nesta tratamos da construção de narrativas visuais e da prática da etnografia com instrumentos audiovisuais, bem como do processo interpretativo a partir do relato etnográfico com imagens (fotográficas, videográficas, sonoras, escrita).

Foi com esta motivação inicial que participamos desta jornada em homenagem ao Prof. Roberto Cardoso de Oliveira. A obra e a trajetória do

professor, sobretudo a produção de imagens presentes em suas etnografias, foram tema de análise neste curso. Outrossim, filmar e fotografar este evento científico se tornou o exercício prático deste *workshop* e o objetivo é ter como produto final um trabalho coletivo fílmico, fotográfico e sonoro desta Jornada.

“RCO” como é carinhosamente chamado pelos alunos, é, portanto, o personagem principal desse curso. Por isto os alunos estão “etnografando” sistematicamente este evento. Vocês podem observá-los com seus cadernos de notas, alguns fotografando, filmando, gravando desde o início deste evento.

Christina nos desafiou a participar de uma Mesa com o tema de antropologia visual para falar da obra do Professor Roberto Cardoso de Oliveira, mas seria o nosso mestre um antropólogo visual? Talvez seja propício considerarmos o desafio de que todos nós somos antropólogos visuais dado que trabalhamos com imagens, refletimos sobre imagens (a imagem do Outro, sobre a Alteridade), produzimos imagens em diferentes suportes. Afinal é, sobremaneira, com a imaginação humana que nós, antropólogos, estamos lidando.

Não me sinto habilitada a analisar a obra imagética do Prof. Roberto. Por sorte uma dissertação sobre essa obra foi defendida e, na ausência do seu autor nessa Mesa, o antropólogo João Martinho Braga de Mendonça e aproveitarei para referir seu trabalho nesta oportunidade mais adiante.

Inicialmente restrinjo-me a apresentar o contexto de fundação de uma antropologia com imagens que foi o eixo de nosso ensinamento durante essa semana que antecedeu este evento. Situar as principais obras fundadoras é a síntese possível para informar o percurso antropológico ao mesmo tempo avaliando os avanços teóricos e os recursos técnicos contemporâneos de produção. Foi esse “enquadramento” que privilegiamos para orientar a produção de roteiro de entrevista, roteiro de tomada de fotos, de posicionamento e enquadramentos de câmera, roteiros de captação de som, tudo para construir uma narrativa do evento e, sobretudo captar a voz, os gestos e a performance do Professor, ao nos narrar sua trajetória em entrevista coletiva. O roteiro previa que, o que o Professor nos relataria não seria apenas sua trajetória pessoal, mas construiria para as complexidades do pensamento de uma comunidade interpretativa.

Desde o nascimento desta disciplina moderna, os antropólogos fizeram recursos de instrumentos áudios-visuais em suas pesquisas de campo.

Desde a fundação da premissa da relativização como valor referente do saber e do fazer antropológico, buscamos construir, desvelar, colocar em alto relevo a Imagem do Outro (a cultura do Outro) a partir de uma reflexão de uma Imagem de si (a cultura de pertencimento do pesquisador). Imagens fotográficas estão presentes em inúmeras pesquisas etnográficas de precursores hoje clássicos da antropologia, Margareth Mead, Gregory Bateson, Bronislaw Malinowski, para não adentrar na história da própria fotografia e do cinema esteve presente como área de conhecimento.

Dou destaque menos a obra fotográfica ilustrativa de Bronislaw Malinowski, e me detenho mais em precursores centrais do estatuto epistêmico da imagem no estudo antropológico: o texto em que Margareth Mead analisa sua produção de imagens com Bateson e define a linha de pesquisa da antropologia visual como fundamental para uma antropologia moderna, e o trabalho de Jean Rouch, central no processo do encontro intercultural, da experiência compartilhada na construção do saber sobre o Outro, uma relação marcada pelo consentimento e retorno das imagens ao grupo pesquisado.

O texto de Margareth Mead é uma tentativa de criticar a tendência dos trabalhos científicos da época que encontravam na forma escrita o único suporte legítimo para a descrição da pesquisa etnográfica e para a apresentação dos aspectos conceituais de orientação do estudo orientados para uma academia encerrada em suas próprias lógicas racionalistas. Neste artigo, refere-se Mead ao potencial da produção fotográfica e fílmica para a transmissão de um saber sobre a cotidianidade reveladora do ethos dos grupos tradicionais pesquisados. Seguindo os ensinamentos do mestre Franz Boas chama a atenção para a eficácia da imagem na construção de um patrimônio imagético da humanidade, da permanência das ações culturais nas memórias coletivas. Essa perspectiva testemunhal teria a qualidade de transcender fronteiras e tempos trazendo ao presente a Imagem singular do Outro.

Certo, não era uma opinião isolada, mas de uma geração de antropólogos. Já em 1914, nós temos o fotógrafo Curtis nos EUA, produzindo filmes e fotografias com este esforço de salvaguarda das culturas ameaçadas pelas transformações radicais advindas do processo de industrialização e urbanização no país. Flaherty, também norte americano, é outro marco neste esforço de registrar em linguagem fílmica (em 1922, Nanouk) as sociedades esquimós ameaçadas de desintegração cultural. As imagens trariam assim esta

pertinência de uma duração sobre as descontínuas descaracterizações que o colonialismo determinada aos processos tradicionais. Desde então emergia uma linha de pesquisa na antropologia moderna com o objetivo de produzir um patrimônio etnográfico visual (e sonoro) que reverberam nas coleções etnográficas nos dias de hoje.

Mostramos aos alunos, portanto o marco que foi o trabalho de Margareth Mead, também por uma postura acadêmica e ética em prol de uma etnografia com imagens, sem desconsiderar a importância do registro/retrato escrito. Sua crítica era sobre a supremacia da disciplina a partir da expressão escrita. Margareth Mead e Gregory Bateson nos legaram assim (em 1935) esta reflexão sobre o potencial dos instrumentos audiovisuais para descrever elementos de ordem abstrata e conceitual relativos à sociedade estruturada. Bateson expressa em imagens apresentadas em sistemas de pranchas sequenciais ou estruturais, ensaios fotográficos sobre o processo de aprendizado da performance cultural dos balineses. A teoria em ato permitia outra fórmula de compreensão do processo conceitual analisado, o *ethos* dos grupos estudados compunham a lógica das narrativas visuais.

Um processo sempre acompanhado do sentido da intervenção desse instrumento na pesquisa de campo para além, é claro, da própria presença do antropólogo em sua vigilância epistemológica por uma preocupação ética, atenção redobrada em relação aos direitos e abusos sobre a apropriação da imagem do Outro. Aqui se soma a reflexão de Margareth Mead sobre a importância de pesquisadores serem alfabetizados (MEAD, 1979, p. 249-263) no uso técnico destes instrumentos de captação da imagem tanto quanto da escritura. Neste ínterim refere-se também ser este igualmente um trabalho em equipe, um trabalho cooperativo, entre os antropólogos e membros das sociedades estudadas, entre a equipe de antropólogos e nativos, etc. Portanto também, vários dentre os nativos que acompanharam Bateson e Margareth Mead aprendem essas técnicas permitindo, portanto, um trabalho sistemático e compartilhado de equipe. É claro, que Margareth Mead é a super especialista nas anotações de campo e Bateson é o fotógrafo e o *filmmaker* de plantão. Mas também Margareth Mead está muito atenta ao estatuto científico desta linguagem visual. Na sua produção ela propõe justamente, então, que todos sejam colegas de equipe, trabalhando juntos em todo o processo de produção, entrevistas, filmes, concepção e montagem do filme, sequências narrativas

visuais, e que este conhecimento seja transmitido em imagens e devolvido ao grupo pesquisado, em imagens.

Vejam que o que estou tentando caracterizar é essa atualidade da reflexão de Margareth Mead em relação a uma antropologia visual contemporânea. É nesse diálogo com os nativos que Margareth Mead diz que é possível corrigir vários pontos de vista etnocêntricos da autoridade do antropólogo. Para Mead, a produção com imagens era uma troca de aprendizados entre antropólogos e nativos, uma memória dos gestos e dos comportamentos, das performances e das técnicas corporais a serem transmitidas aos herdeiros, as novas gerações, para que justamente estas pudessem no futuro retomar essa produção como um patrimônio etnológico no processo de construção de uma imagem de si mesmo.

Aqui nossa mestra é mais uma vez precursora propondo uma circularidade para além dos muros acadêmicos deste material produzido. Uma produção constante de filmes sobre diferentes povos e culturas nos permitiria a troca destas experiências, possibilitando a todos conhecerem diferentes culturas a partir da visualização de coleções filmicas atentas às complexidades das diversidades culturais. De alguma forma as mazelas de uma globalização em sua insensibilidade ameaçadora podem provocar o “efeito perverso” que a banalização das representações sociais pelo o excesso de consumo de imagens podem provocar (DURAND, 1998). É crucial que este efeito esteja presente nas reflexões das próprias produções antropológicas uma vez que, de forma paradoxal, é na produção filmica e fotográfica que valores diferenciais e singulares das culturas podem ser transmitidos nas redes contemporâneas articulando os deslocamentos de alteridades no mundo pensado e vivido pelos grupos e comunidades pesquisadas.

Em todos esses registros, Margareth Mead nos lembra de nosso caráter seletivo e subjetivo, não somos ingênuos de achar que podemos ser neutros por detrás dessa câmera. Ela sugere ao antropólogo que se coloque numa posição também de produtor, de pensar os conceitos analíticos em imagens. Sugere que não nos deixemos levar por subjetivismos e impressionismos, mas que nos mantenhamos cientes da importância da coleta de dados e experiências que possam ser analisadas, seja pelos próprios nativos, para se reconhecerem nessas imagens, seja pela própria academia e novas gerações que possam reinterpretar

esse material à luz de novas teorias. De fato Mead e Bateson, são explícitos em suas intencionalidades conceituais ao realizar suas fotografias e filmes.

Posteriormente, já tendo por cenário os desafios do cinema novo e um contexto europeu em ebulição tecnológica, o antropólogo francês Jean Rouch amplia ao esforço fílmico antropológico à condição política e humanitária. Seu projeto é uma crítica à discriminação racial, uma denúncia das disjunções do colonialismo, e por fim uma crítica ao próprio conservadorismo da disciplina. Transformações tecnológicas foram essenciais nestas declarações de avanços conceituais. Uma câmera mais leve, o som sincronizado e uma conjuntura cultural e política propícia de onde emerge um projeto de “antropologia compartilhada”.

Seus projetos fílmicos na África (sobre a África negra, diria Rouch) trazem este potencial de movimento social, de crítica aos processos de poder capitalistas e ao status de política colonizadora de pensamentos e modos de vida. E ele faz isso propondo uma antropologia visual no sentido de superar a rigidez do ato fotográfico para trazer o movimento e a preocupação com o tempo vivido encompassado por cosmologias em seus processos de transformação no mundo social, de potencialidade das singularidades culturais, da riqueza das trocas humanas. Uma etnografia consentida que necessariamente nasça do reconhecimento mútuo e da interlocução com o grupo pesquisado. Ele não “rouba” imagens sem o consentimento e sem que esses nativos se coloquem como pares nessa produção imagética. Os nativos são os sujeitos de uma experiência coletiva, são colegas de antropologia visual, aprendem também as técnicas, se sensibilizam com a socialização e com a produção de imagens e também se reconhecem nestas ou se indignam quando isto não acontece, tecendo na imagens uma rede de sentidos de suas identidades.

A obra imagética do Prof. Roberto Cardoso de Oliveira reverbera nessa tradição da pesquisa compartilhada, da imagem consentida, da antropologia interpretativa, dialogada. Seguindo a tradição de obter com a fotografia um dado etnográfico, Professor Roberto Cardoso de Oliveira tem uma vasta coleção de fotos. Já na expedição em 1959, ele realiza um intenso trabalho de documentação fotográfica junto como os Terêna e os Tukuna e esta produção se encontra hoje na forma de acervo etnográfico no Arquivo Edgar Leuenroth da Unicamp. Um legado que o Prof. Roberto nos presenteia em

um gesto raro de reciprocidade e circulação do patrimônio etnográfico. Essas fotos estão acessíveis à pesquisa. O público pode reinterpretar essa coleção.

Uma dessas interpretações consiste na dissertação de mestrado de João Martinho de Mendonça. Trabalho este orientado pelo Prof. Etienne Samain intitulado “Os movimentos da imagem da etnografia reflexão antropológica: experimentos a partir do acervo fotográfico Prof. Roberto Cardoso de Oliveira”. Mendonça em sua dissertação relata a entrevista feita ao Prof. Roberto sobre seu acervo. Cito aqui um trecho desta comunicação ao refletir sobre a sua produção visual:

De fato eu segui um padrão, havia um hábito de sempre o antropólogo ilustrar o seu trabalho, agora como transformar a linguagem das fotos, a linguagem das imagens numa linguagem etnográfica também. Porque até então era uma linguagem muito artística, entrava muito como ilustração, às vezes inspiradas, as fotos, por princípios estéticos, e então como arte, portanto nem sempre como documentação. Evidentemente que não quero aqui generalizar, estou falando por mim. Concordo que pelo menos o meu interesse de fotógrafo de ocasião e amador, tenha-se voltado inteiramente para a documentação para aquilo que pudesse insinuar a fricção interétnica. Posso falar e dizer que efetivamente elas teriam um objetivo sociológico, como de retratar posições sociais, atividades, comportamentos associativos e por aí vai. Embora eu não tenha nenhuma pretensão de ter produzido textos modelares, vali-me das fotos sempre onde e quando pude, procurando seguir certamente o padrão ensinado pelas melhores monografias clássicas e modernas. (MENDONÇA, 2000).

RCO esclarece que nem todas as fotos são suas. Várias fotos presentes em seus estudos são do seu amigo e fotógrafo Queiroz. Esta referência é citada em seus diários de campo publicados recentemente na sua obra *O diário e suas margens, viagens aos territórios Terêna e Tükúna* (2002). A interação com os sujeitos da pesquisa é narrada na força da reciprocidade e explicita o pedido de consentimento para as comunidades indígenas para fotografar. As imagens publicadas no capítulo “Caderno de notas” e dispostas em uma narrativa visual revelam uma importante preocupação com a intromissão do instrumento fotográfico e da produção de imagem do Outro a partir de sua compreensão do que consiste esta tomada. As fotos revelam uma proximidade e intimidade com as pessoas e, sobretudo um deslocamento que não é só corporal, é ético e conceitual, cada enquadramento consiste em uma aceitação de um convívio

próprio do processo etnográfico que permite uma reciprocidade cognitiva e uma reflexividade dos sentidos em jogo no processo de pesquisa.

Identifico esta disposição engajada também no que ouvimos aqui esta semana no relato da trajetória de um antropólogo de campo, que compartilhou da experiência das sociedades indígenas para trazer ao processo político, o entendimento científico necessário de suas lógicas de continuidade. Nós ouvimos essa semana do professor Roberto Cardoso de Oliveira sua preocupação em construir uma comunidade interpretativa potencializando a antropologia brasileira com conceitos de sentidos compartilhados entre pesquisador e os grupos pesquisados. Ensinou-nos uma fórmula ética a pensar esta imagem do Outro. Desvendar essa alteridade distante da sociedade de pertença do antropólogo, apenas revela as dificuldades da sociedade institucionalizada de convívio e reconhecimento à memória coletiva desses povos. Daí seu compromisso de denúncia da discriminação sofrida por grupos indígenas no Brasil e na América Latina, das ameaças ao enfraquecimento cultural e as descontinuidades e rupturas cosmológicas e de direito às territorialidades que os povos tradicionais tiveram que confrontar no processo de formação do Estado-nação brasileiro. Os conceitos fricção inter-étnica, contato inter-étnico, identidade étnica e tantos outros desenvolvidos pelo professor, formaram uma geração de antropólogos no Brasil inquietos com as injustiças e descaso aos grupos étnicos.

Assim interpreto o material imagético apresentado na obra do professor Roberto Cardoso de Oliveira, como uma intriga sobre a Imagem que produzimos nas nossas experiências etnográficas com o Outro. Imagens que traduzimos e que ordenamos interpretativamente, almejando situar esse Outro na narrativa de suas próprias lógicas de identidade, nas suas ipseidades. O saber e o fazer do ofício do antropólogo é assim saber ver, ouvir, escrever tanto quanto captar e produzir imagens, circulando-as de forma a que todos possamos compartilhar do conhecimento “sobre o Outro”. E que este seja antes de mais nada um reconhecimento do trajeto da humanidade em seus esforços de recomeçar melhor, a partir da aprendizagem com os erros e superação das injustiças.

REFERÊNCIAS

- BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. *Balinese character: a photographic analysis*. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Os diários e suas margens: viagem aos territórios Teréna e Tükúna*. Brasília: Editora UnB, MIC, 2002.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário, ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- MEAD, Margaret.. Anthropologie visuelle dans une discipline verbale. In: FRANCE, C. (Org.). *Pour une anthropologie visuelle*. Paris: Mouton, 1979.
- MENDONÇA, João Martinho. Os movimentos da imagem. Da etnografia à reflexão antropológica. Experimentos a partir do acervo fotográfico do professor Roberto Cardoso de Oliveira. *Ano de Obtenção: 2000*. Mestrado (Multimeios), Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.
- ROUCH, Jean. La caméra et les hommes. In: In: FRANCE, C. (Org.). *Pour une anthropologie visuelle*. Paris: Mouton, 1979.
- SAMAIN, Etienne Ghislain; ALVES, André Os Argonautas do Mangue (André Alves): precedido de Balinese character (re)visitado (Etienne Samain). 1. ed. Campinas e São Paulo: Editora da UNICAMP e Imprensa Oficial, 2004. v. 1. 264 p.

